

**REPRESENTAÇÕES E CONTEXTOS DO USO DO SINGULAR
THEY E DA NEOLINGUAGEM NÃO BINÁRIA**

Zoe de Miranda Pereira (UNIALPHAVILLE)
zoempereira97@gmail.com

RESUMO

A preocupação básica deste estudo é refletir sobre o uso da língua como ferramenta para se lutar por causas sociais, utilizando como exemplo a forma singular do pronome *they* para se referir a pessoas trans não binárias. Serão consideradas outras questões sociolinguísticas e referentes à linguagem e minorias em geral, analisando maneiras positivas e negativas de se usar a língua em contextos sociais. O artigo tratará também de questões relacionadas ao uso do masculino como padrão neutro da língua e seu reflexo na sociedade e em correntes feministas, atravessando diferentes momentos e pontos de vista. Além de apresentar propostas de uso de linguagem neutra, este trabalho irá explorar as capacidades humanas de alterar idiomas para se atingir objetivos sociais e políticos, seja de forma intencional ou não. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como Balhorn (2004), Bodine (1975), Butler (1997) e Conrod (2018).

Palavras-chave:

LGBTQIA+. Pronomes. Sociolinguística.

ABSTRACT

The basic concern of this study is to ponder over the use of language as a means to fight for social causes, using as an example the singular form of the pronoun *they* to refer to non-binary trans people. Other sociolinguistic issues and issues related to language and minorities in general will be considered, analyzing positive and negative ways of using language in social contexts. The article will also deal with issues related to the use of the masculine form as a neutral standard in language and its reflection in society and in feminist currents, going through different moments and points of view. In addition to presenting proposals for the use of neutral language, this work will explore the human capacities to change languages to achieve social and political goals, whether intentionally or not. A bibliographic research was carried out considering the contributions of authors such as Balhorn (2004), Bodine (1975), Butler (1997) and Conrod (2018).

Keywords:

LGBTQIA+. Pronouns. Sociolinguistics.

1. Introdução

O objetivo geral deste trabalho é utilizar o pronome *they* de forma singular para se referir a pessoas trans não binárias para exemplificar o uso da língua para lutar por justiça social. Para tanto, os seguintes objeti-

vos específicos serão desenvolvidos: (i) Explorar e defender que a língua permita a comunicação com e sobre pessoas que fujam ao binário ele/ela (ii) identificar a origem e diferentes usos do pronome *they* de forma singular (iii) analisar o conceito de que a língua é viva e que elementos considerados inadequados podem vir a se tornar parte da norma.

O ainda existente preconceito quanto ao uso de pronomes neutros para se referir a apenas uma pessoa desconsidera aspectos sociolinguísticos e prende-se à ideia de que, por exemplo, *they* somente pode ser utilizado no plural. Neste contexto, o objetivo principal deste trabalho é investigar como a língua pode ser utilizada como ferramenta para se defender causas sociais.

A pesquisa é descritiva, de cunho bibliográfico, feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros e artigos científicos. Isso permitirá à pesquisadora conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Os principais autores pesquisados que embasam cientificamente este trabalho são Balhorn (2004), Bodine (1975), Butler (1997) e Conrod (2018).

2. O histórico e as motivações para o uso do *they* singular

A forma singular do pronome *they* e suas variações (*them*, *their*, *theirs*, *themselves*) são usadas desde o século XIV (BALHORN, 2004) e podem ser utilizadas tanto para se referir a pessoas em geral, como em “*Everybody has their own problems*”, quanto para se referir a uma única pessoa, como em “*That person has probably lost their key*”. Um terceiro uso do *they* singular é para se referir às pessoas não binárias – aquelas cujo gênero não é exatamente “homem” ou “mulher” – que preferirem ser referidas dessa forma (Oxford Learner’s Dictionary, 2020). Tal uso é comum entre jovens adultos, porém divide opiniões quanto à sua validade gramatical, a viabilidade de seu uso ou mesmo sua relevância em relação a alternativas como o *he* genérico (CONROD, 2018), como em “*If someone wants it, he has to fight for it*”, ou a opção “*he or she*” (BODINE, 1975), como, por exemplo, em “*He or she who does not abide the law will suffer consequences*”.

Ambas as possibilidades mencionadas acima excluem pessoas que não utilizam os pronomes *he* ou *she*. Defendido por gramáticos normativos e criticado por segmentos feministas desde a década de 1970, o *he*

genérico já foi oferecido como justificativa para uma tentativa de extinguir o *they* singular, como afirma Bodine (1975):

Essa questão tomou um novo rumo recentemente com a insistência de muitas feministas de que “*he*” não deveria ser utilizado quando há mulheres incluídas nos referidos, e que os falantes do inglês deveriam encontrar um substituto. [...] Intencionalmente ou não, o movimento contra o ‘*he*’ de sexo indefinido é na verdade uma reação contrária à tentativa de gramáticos normativos de alterar a língua. O inglês sempre teve outros recursos linguísticos para se referir a pessoas sem definir o sexo, notavelmente, o uso do “*they (their, them)*” singular como nas frases (1)-(3).

(1) *Anyone can do it if they try hard enough.* (unissex, distributivo)

(2) *Who dropped their ticket?* (sexo desconhecido)

(3) *Either Mary or John should bring a schedule with them.* (unissex, disjuntivo)

Esse uso foi atacado por gramáticos normativos. Entretanto, apesar de quase dois séculos de tentativas intensas de analisar e regulamentar sua eliminação, o “*they*” singular sobreviveu e está bem. Sua sobrevivência é ainda mais notável considerando o peso de praticamente todas as autoridades educacionais e editoriais estarem por trás da tentativa de erradicá-lo. (BODINE, 1975, p. 130-1) (tradução nossa)

Os relatos de Bodine (1975) também mostram que, em sua época, mesmo o uso de *he or she* era reprovado por livros didáticos (pelo menos 28 deles) por ser “torpe”, sendo o *they* singular criticado por ser “impreciso”.

Mesmo havendo defensores do *he* genérico até os dias atuais (Cf. CONROD, 2018), seu uso nunca foi completamente aceito na linguagem informal falada (Cf. BARANOWSKI, 2002). Um de seus efeitos aparentes é influenciar quem o lê a idealizar figuras masculinas, podendo essa interferência reforçar pensamentos e comportamentos machistas (Cf. GASTIL, 1990). Uma análise do emprego persistente do singular masculino como o padrão através dos séculos pode levantar uma reflexão sobre a quem o discurso da sociedade se dirige, como sugere Balhorn (2004).

3. Gênero e língua: a conexão entre pessoas trans e seus pronomes

Os pronomes estão entre os primeiros atos de autoidentificação que uma pessoa transgênero realiza, juntamente com os nomes adequados (Cf. KONNELLY; COOPER, 2020). Um exemplo do uso do *they* singular definido para se referir a pessoas trans não binárias seria “*Kirby forgot their backpack*”, seguindo a estrutura *they* + um nome ou outra expressão definida e específica, como “*my best friend*” ou “*that professor*” (CONROD, 2018).

Compartilhar e perguntar pronomes ao se apresentar é uma dinâmica cada vez mais comum em faculdades estadunidenses, o que pode trazer efeitos positivos para estudantes trans, como é noticiado em uma matéria da BBC News:

Por exemplo, quando novos estudantes compareceram a reuniões orientadas na American University em Washington DC (EUA) há alguns meses, foi pedido que se apresentassem com nome, cidade de origem e pronome de gênero preferido (às vezes abreviado para PGP).

“Pedimos que todos na orientação declarem seus pronomes”, diz Sara Bendoraitis, do Centro de Diversidade e Inclusão da universidade, “para que aprendamos mais uns sobre os outros em vez de presumirmos”.

Algumas universidades vão além e permitem que os alunos registrem seus pronomes de preferência nos sistemas de computadores da universidade - e também um nome preferido.

Na University of Vermont, que tem liderado tal movimento, estudantes podem escolher entre “*he*”, “*she*”, “*they*”, e “*ze*”, além de “somente o nome” - significando que não querem que utilizem quaisquer pronomes de terceira pessoa, apenas seus nomes.

“Isso maximiza a capacidade dos alunos de controlar suas identidades”, afirma Keith Williams, o escritor da universidade, que ajudou a lançar o sistema atualizado de informação de alunos em 2009. A maioria das pessoas adere à opção padrão, “nenhum”, que significa que eles não irão registrar um pronome - provavelmente porque estão satisfeitos em deixar as pessoas decidirem se são “*he*” ou “*she*”. (BBC NEWS, 2015). (tradução nossa)

Pessoas não binárias que utilizam o pronome *they* enfrentam uma barreira diferente da que mulheres encontram por serem com menos frequência temas do discurso (Cf. NEWMAN *apud* BALHORN, 2004, p. 97), deparam-se com um mundo que manifesta um bloqueio em se ajustar à sua linguagem. Bjorkman (2017) defende que essa dificuldade ocorre não somente por premissas culturais ou pragmáticas sobre a binaridade de gênero, mas também por uma propriedade gramatical de determinados nomes em inglês, e adiciona que é necessário desaprender a ideia de que tais nomes são sintática e uniformemente ligados a características de gêneros.

No ano da matéria, as Universidades de Harvard e Ohio também começaram a permitir que seus alunos registrem os pronomes preferidos nos computadores e sistemas das universidades. A matéria cita também exemplos de pronomes utilizados por pessoas não binárias, que vão além de *he*, *she* e *they*:

1	2	3	4	5
e/ey	em	eir	eirs	eirself
he	him	his	his	himself
[name]	[name]	[name]'s	[name]'s	[name]'s self
per	per	pers	pers	perself
she	her	her	hers	herself
sie	sir	hir	hirs	hirsself
they	them	their	theirs	themself
ve	ver	vis	vers	verself
zie	zim	zir	zirs	zirself

Fonte: BBC News (2015).

Outros neopronomes existentes são *ne* (*nem/nir/nirs/nemself*) e *xe* (*xem/xyr/xyrs/xemself*). Esses novos pronomes (os neopronomes, como *ey*, *per*, *sie*, *ve*, *zie*, *ne* e *xe*) existem para suprir uma necessidade, porém nenhum foi, até então, amplamente adotado. Em uma pesquisa sobre a necessidade, a gramaticalidade e a disposição das pessoas em utilizá-los, Bertulfo (2020) atesta que a maioria das pessoas entrevistadas concorda que novos pronomes devem ser inseridos para abranger a neutralidade de gênero. Vejamos sua conclusão:

Os resultados do estudo mostram que a maioria dos entrevistados preferiu o novo pronome “*Ze / Hir*”. Apesar de a maioria acreditar que novos pronomes devem ser adicionados para tratar a neutralidade de gênero, a maioria alega que esses pronomes abalam a gramática e a semântica. “A primeira sugestão para um novo pronome de gênero neutro apareceu na literatura em 1884 e desde então novas várias formas têm sido criadas, por exemplo, *hiser*, *en*, *thon*, *hi* e muitos outros” (Teglová, 2012). Parece que isso é um problema há séculos e novos pronomes são inatingíveis até hoje. O problema não parece ter a ver com uma carência de novos pronomes, mas sim uma relutância em usá-los e implementá-los.

O núcleo da questão não está apenas na linguística, mas mais propriamente, a necessidade vem das demandas da sociedade. “Representantes de comunidades LGBT propõem um pronome de gênero neutro, já que isso dissolve expectativas de gênero e inclui todos os indivíduos independentemente de suas identidades de gênero” (Gustafsson *et al.* 1893). Talvez, na esperança de alcançar uma linguagem de gênero justa, a tarefa não seja criar novos pronomes, mas otimizá-los nos estudos da língua.

Ao escolher termos em diferentes níveis de abstração, as pessoas podem afetar as referências do receptor de um jeito que seja consistente com suas crenças estereotipadas (Horvath *et al.*). Isso se torna consistente com as descobertas de Matynyuk (1989), de que quando a reforma da língua é

baseada em ajustes na esfera socioeconômica da sociedade, pode-se alcançar uma mudança real das relações entre homens, mulheres (...e pessoas não-binárias) e a língua. Para os novos pronomes decolarem, módulos específicos sobre como usá-los devem ser criados e ajustes linguísticos devem ser feitos para acomodar essas mudanças. (BERTULFO, 2020, p. 6-7) (tradução nossa)

Butler (1997), em seu trabalho, sugere uma conexão interconstitutiva entre gênero e linguagem, ou seja, a linguagem constitui a performance de gênero, e vice-versa. Sublinha que a existência do gênero depende de sua ritualização nos atos de linguagem. Referenciar-se a uma pessoa de acordo com um gênero também é feito de forma performativa, repetidamente, para que se gere um efeito de coerência.

The doctor who receives the child and pronounces – “It’s a girl” – begins that long string of interpellations by which the girl is transitively girded: gender is ritualistically repeated, whereby the repetition occasions both the risk of failure and the congealed effect of sedimentation. (BUTLER, 1997, p. 49).⁶¹

Como já atestado acima, não somente no ambiente universitário a representatividade é um fator relevante para pessoas pertencentes a minorias sociais (incluindo pessoas que utilizam linguagem neutra). Grupos minoritários⁶² tendem a preferir produtos de marcas com posicionamento mais representativo (e evitar aquelas com comportamentos discriminatórios ou preconceituosos).

4. Destaques do singular *they* na mídia

O dicionário Merriam-Webster escolheu em 2019 o pronome *they* como a palavra do ano, citando seu uso como pronome gênero neutro para concordar com palavras como *someone* e *everybody* por mais de 600 anos, assim como seu uso cada vez mais comum para se referir a uma pessoa cuja identidade de gênero é não binária. Menciona em seguida casos como o de Pramila Jayapal, representante do Congresso estadunidense que revelou em um comitê ser mãe de uma criança que não se adapta aos padrões de gênero e utiliza *they*; também Sam Smith, figura conhecida por suas canções pop, que revelou ser uma pessoa não binária e preferir *they* e *them* como pronomes pessoais; e o *blog* da *American Psycho*

⁶¹ Versão original mantida para melhor precisão dos termos utilizados pela autora.

⁶² Na pesquisa de Rosa (2019), as minorias são mulheres, LGBTQIA+, pessoas obesas, minorias raciais e pessoas que se consideram minorias sociais por motivos de: veganismo, vitiligo e classe social.

logical Association, que recomendou oficialmente o uso de *they* na escrita profissional em substituição de *he or she* para pessoas cujo gênero é desconhecido ou para pessoas que preferem o uso de *they*. Está se tornando cada vez mais comum também, de acordo com o dicionário, a inclusão de *they* e *them* nas bios do *Twitter*, assinaturas de e-mails e brochês em conferências.

Sam Smith também foi tema de uma matéria de 2019 da seção *Think* do jornal NBC News chamada *Sam Smith's they/them pronoun backlash highlights an ongoing cultural disconnect*. A matéria cita sua voz, sua aparência física e o fato de ter se identificado como homem durante a maior parte de sua vida, incluindo em letras de suas músicas, como principais motivos para as pessoas enxergarem Sam Smith como “homem”, e, conseqüentemente, demonstrarem resistência a se adaptar a sua linguagem, seja por não conseguirem ou não quererem.

Apesar de sugerir que ainda existe mais a ser pesquisado e produzido sobre os efeitos e utilidades da representatividade de minorias sociais, principalmente no campo da psicologia e nas áreas sociais, Rosa (2019) conclui em sua pesquisa que esse é um tema cada vez mais discutido pela sociedade.

Outro exemplo de caso onde a representatividade pode ser relevante é em mídias audiovisuais. Alguns exemplos de personagens da ficção que utilizam linguagem não binária são *Double Trouble*, da série animada da Netflix *She-ra and the Princesses of Power*, a quem demais personagens se referem utilizando *they/them/their/themself* e cuja dublagem em inglês também é realizada por uma pessoa não binária (VERMEIL, 2020); Stevonnie, uma fusão andrógina de dois personagens da série animada *Steven Universe*, da *Cartoon Network*, a quem demais personagens se referem utilizando *they/them/their/themself* (Cf. KOŽUCHOVÁ, 2018); e Blanche, líder do Team Mystic, uma das equipes que jogadores podem escolher no jogo para dispositivos móveis Pokémon GO, como revelado pelo uso de *they/them/their/themself* em uma postagem oficial dos criadores do jogo (Cf. KOCIK, 2020).

Em acréscimo, um caso notável é o de Hanji/Hange Zoë, personagem da série de mangás, anime e filmes *Shingeki no Kyojin* (ou *Attack on Titan*), cujo gênero, segundo criadores, foi deixado em aberto para interpretação dos leitores do mangá. Embora tenha tido caracterização e uso de pronomes femininos nas mídias audiovisuais, o uso de marcadores de

gênero foi intencionalmente evitado nos mangás (Cf. TRUONG, 2018; DAILY DOT, 2020).

Possíveis traduções para os pronomes de autoria não binária seriam mais pronomes de autoria não binária. Ao se traduzir *ze* e *zir*, por exemplo, por serem neopronomes criados por pessoas não binárias, opções eficazes seriam “ile” e “dile” ou “elu” e “delu”, pronomes também criados por pessoas não binárias, considerando que “ele”, “eles” ou “ela” não seriam apropriadamente neutros. Na rede social *Facebook*, por exemplo, *he*, *she* e *they* como opções de pronomes pessoais para usuários foram traduzidos respectivamente como “ele”, “ela” e “eles”, sendo o último alterado para “ele(a)” após uma atualização (Cf. SILVA, 2018) (LAU, 2017).

Nas legendas da série *One Day At a Time*, como exposto por Silva (2018), é vista a tradução de *they* como “eles” ao se referir a uma única pessoa não binária, entretanto há o uso da proposição “da”, em vez de uma alternativa neutra, como “de” ou mesmo “du” (também criada por pessoas não binárias). Silva (2018) faz ressalvas sobre a semelhança sonora entre “du” e “do”. Em *Carmilla*, série também analisada por Silva (2018), há diferentes formas de tratamento e traduções utilizadas para se referir a alguém que foge à binaridade de gênero. Mesmo no trabalho original, demais personagens utilizam *she* inicialmente para se referir a uma pessoa que usa *they*, e nas legendas em português brasileiro, por vez, há o uso de não somente pronomes, mas também preposições, substantivos e outros marcadores de gênero femininos. Em dado momento, é utilizada nas legendas a palavra “certx” na tradução da frase “*Am I right?*”, numa tentativa de evitar o uso de uma versão masculina (certo) ou feminina (certa). Tal artifício, no entanto, é criticado por Lau (2017) por ser impronunciável, sendo sugerido, entre outras alternativas, utilizar as letras “e” e “u”, como, por exemplo, “amigues”, “menines”, “alune”, “bonite”.

Para “neutralizar” adjetivos e substantivos, como “aluno”, “bonita”, “entre outras”, utilizarei a vogal “e”. Então estas palavras serão escritas e faladas da seguinte forma: “alune”, “bonite” e “entre outres”. E no caso de “professores”, por exemplo? Palavras no plural consideradas masculinas terão a letra “i” no meio. Então será escrito e falado “professories”. Uma possível variação pode ser a exclusão do “e” ficando “professoris”. Preposições, como “de” e “da” serão substituídas por “du”, por exemplo: “Este lápis é du Iraci”. A respeito dos artigos definidos (“o”, “a”, “os”, “as”), serão substituídos por “le” e “les”. Por exemplo: “Les professories já estão na sala de reunião”. Os indefinidos (“um”, “uma”, “uns”, “umas”), utilizarão a letra “e” no final, ficando da seguinte forma: “ume”,

“umes”. Pronomes possessivos (meu, minha, seu, sua, meus, minhas, seus, suas) faço um “empréstimo” do espanhol, ficando: mi, su, mis, sus. (LAU, 2018, p. 2-3)

Entende-se, portanto, que a neolinguagem não binária não se trata de um fenômeno isolado, pouco conhecido e constantemente desaparecendo, mas de uma manifestação das identidades de indivíduos que cada vez mais se expressam de acordo com seus gêneros, atingindo cada vez mais pessoas e ganhando destaque no senso comum e na mídia quando celebridades e instituições a fazem ficar em evidência. O processo de alterações na língua se dá da mesma forma, seja naturalmente, sem intervenções de grupos ou indivíduos específicos, ou não.

5. Mudanças intencionais e não intencionais na língua

A língua é viva. Palavras e expressões surgem, mudam e repou-sam de tempos em tempos, assim como seus significados. O fenômeno da mudança de um idioma se dá, em geral, através da fala e pela demanda das pessoas que o falam através das gerações, muitas vezes de forma não intencional, despercebida e incontrolável.

[...] De certa forma, portanto, temos que reconhecer que a noção de uma língua não é em absoluto linguística, mas sim uma questão sociopolítica. Como quer que definamos a língua, temos que aceitar que idiomas não mudam por completo: como discutido acima, é mais propriamente o caso de somente pequenos elementos deles são alterados em determinado momento, e esses são mudados por falantes do idioma. Em outras palavras, não devemos jamais perder de vista o fato de que línguas são faladas por pessoas para fins de comunicação; conseqüentemente, falantes mudam as línguas, embora isso não seja o mesmo que dizer que estejam necessariamente conscientes disso, ou que queiram fazer mudanças. De fato, a história de qualquer língua, de um ponto de vista sociolinguístico, é a história de uma corrente inquebrável de gerações de falantes, inteiramente capazes de se comunicar com seus pais e filhos enquanto percebem diferenças mínimas entre gerações, e todes acreditando falar “a mesma língua”. (MC-MAHON, 1994, p.8) (tradução nossa)

Thomason (2006), contudo, afirma que, mesmo que seja inegável que a grande maioria das mudanças em uma língua sejam involuntárias, é observável que decisões conscientes e propositais tomadas por falantes são responsáveis por transformações relevantes em subsistemas gramaticais de diversos idiomas. Tais variações, como sugere a autora, não precisam necessariamente serem popularizadas por quem as cria, ou mesmo precisam substituir as estruturas. Tais reflexões conseqüentemente refutam a afirmação de Müller (1861 *apud*. Thomason, 2006), citado no

mesmo trabalho de Thomason (2006, p. 1), de que “não está no poder do Homem produzir ou prevenir mudanças na língua” (tradução nossa).

Outras mudanças lexicais têm pelo menos mínimos efeitos estruturais, como a substituição, por escritores do Modern English, do “*he*” genérico por “*he or she*”, “*s/he*” ou (apesar de não fazer parte do inglês padrão) “*they*” com referência singular. [...]

Isso levanta uma questão importante: o que é uma “mudança normal”, e há alguma maneira prática de excluir mudanças intencionais de seu domínio, ou qualquer justificativa teórica para fazer isso? Se a mudança intencional fosse impossível, faria sentido chamá-la de não-normal; mas se fosse impossível, falantes simplesmente abandonariam o “*he*” genérico em todo caso. Essas perguntas não podem ser abordadas diretamente aqui, mas parece extremamente improvável que toda mudança intencional será identificável após o fato, e é portanto arriscado presumir qualquer diferença nítida entre uma mudança normal e uma mudança não-normal. (THOMASON, 2006, p. 3) (tradução nossa)

6. Considerações finais

O manuseio positivo da língua é o que deve ser buscado para uma comunicação ética e respeitosa com todos, sem exclusão de indivíduos por limitações de normas. A língua existe como ferramenta da humanidade, e não o contrário. Uma pessoa não deve adaptar a sua realidade à língua para que sua identidade seja válida, e sim a língua precisa ser atualizada para representar as diferentes realidades existentes. Depender da linguagem (verbal ou não verbal) para se comunicar não significa ser refém de suas vontades e limitações. Segundo Sartre (*Apud* CALDIN, 2010), a linguagem “*é nossa carapaça e nossas antenas, protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos*”⁶³.

A linguagem neutra possui faces que ainda estão sendo introduzidas em diferentes sociedades. Sua importância para o respeito de pessoas não binárias e seu impacto em uma comunicação menos focada, em geral, no homem são evidentes. Iniciativas pioneiras do uso e da promoção da linguagem não binária em mídias oficiais e/ou de cunho educativo e informativo, como o *Guia para el uso de un lenguaje inclusivo en la Universidad Nacional de Mar del Plata* (2019) e matérias como a da co-

⁶³ Tradução de Carlos Felipe Moisés no livro *Que é a literatura?* - Sartre, Jean-Paul. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

luna de Mari Rodrigues no UOL em setembro de 2020⁶⁴, são um avanço a ser comemorado por quem busca diálogos mais inclusivos e uma aprendizagem mais adequada aos interesses e necessidades dos aprendizes. O método de alfabetização de adultos de Paulo Freire, por exemplo, estimulava o posicionamento e a expressão sobre temas relevantes aos educandos como forma de aprendizado da língua (Secretaria da Educação e do Esporte do Estado do Paraná, 2018).

A manipulação (ou a não manipulação) do texto ao transmitir informações é outra das formas de utilizá-lo para advogar por causas políticas e sociais, não somente no que diz respeito a pessoas trans. Questões LGBTI+ carecem de atenção, especialmente no ambiente pedagógico, onde ainda faltam diálogo e estímulo ao respeito à diversidade (Cf. BRASIL, 2017). A norma culta não é uma prisão da qual todos são reféns. Ela nos ajuda a organizar o que escrevemos, mas somos livres para mudá-la para melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALHORN, Mark. *The Rise of Epicene They*. University of Wisconsin-Stevens Point, 2004. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1008.5081&rep=rep1&type=pdf>.

BARANOWSKI, Maciej. Current usage of the epicene pronoun in written English. *Journal of Sociolinguistics*, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/4997216/Current_usage_of_the_epicene_pronoun_in_written_English.

BERTULFO, Cherry Con-ui. Beyond He and She: A Study on the Non-Binary and Gender Neutral English Neopronouns. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/36584617/Beyond_He_and_She_A_Study_on_the_Non_Binary_and_Gender_Neutral_English_Neopronouns.

BJORKMAN, Bronwyn M. Singular *they* and the syntactic representation of gender in English. *Glossa: A Journal of General Linguistics*, n. 2 (1), 80, 2017. Disponível em: <https://www.glossa-journal.org/articles/abstract/10.5334/gjgl.374>.

BODINE, Ann. Androcentrism in Prescriptive Grammar: Singular ‘They’, Sex-Indefinite ‘He’, and ‘He or She’. *Language in Society*, 1975. Dis-

⁶⁴ Ao final da matéria, há um aviso de que o texto não reflete, necessariamente, a opinião do UOL.

Sexual: saberes/trans/versais currículos identitários e pluralidades de gênero. Masringá, 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf>.

MCMAHON, April M. S. *Understanding Language Change*. University of Cambridge, 1994. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5670803/mod_resource/content/1/April%20M.%20S.%20McMahon%20-%20Understanding%20Language%20Change.pdf.

MÜLLER, Max *apud* THOMASON, Sarah G. Intentional Language Change. *Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd ed., v. 6, p. 346-49, University of Michigan, 2006. Disponível em: <http://www-personal.umich.edu/~thomason/temp/intentch.pdf>.

NEWMAN, Michael. *apud* BALHORN, Mark. *The Rise of Epicene They*. University of Wisconsin-Stevens Point, 2004. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1008.5081&rep=rep1&type=pdf>.

SARTRE, Jean-Paul *apud*. CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura segundo Sartre, *Data Grama Zero – Revista de Ciência da Informação*, 2010. Disponível em: <https://www.brapi.inf.br/index.php/article/download/52745>

SILVA, Rafaela dos Santos. *A tradução de pronomes de gênero não binário e neutro na Legendagem: uma análise dos seriados Carmilla e One day at a time*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/193045>.

THOMASON, Sarah G. Intentional Language Change. *Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd edn., v. 6, p. 346-9, University of Michigan, 2006. Disponível em: <http://www-personal.umich.edu/~thomason/temp/intentch.pdf>.

TRUONG, Rachel. Attack on Frost Giant: How Shingeki no Kyojin Examines the Nordic Cycle of Fate. *Undergraduate Honors Theses*. 56, 2018. Disponível em: https://digital.sandiego.edu/honors_theses/56.

VERMEIL, Alexandre G. Troubling Transformation with the Ephemeral Double Trouble, 2020. Disponível em: <https://blog.animationstudies.org/?p=3788>.

Outras fontes:

‘Attack on Titan’ creator gets the last word in debate over character’s gender. Daily Dot, Fandom, 02/05/2020. Disponível em: <https://www.dailydot.com/parsec/fandom/attack-titan-snk-hange-hanji-gender-debate>.

Guía para el uso de un lenguaje inclusivo en la Universidad Nacional de Mar del Plata, Universidad Nacional de Mar del Plata, 2019. Disponível em: <https://pavlov.psyciencia.com/pdf/GUIA%20lenguaje%20inclusivo%20en%20la%20UNMDP.pdf>.

Linguagem neutra e a chacota nossa de cada dia. Ecoa por um mundo melhor, colunas, mari, uol. 19/09/2020. Disponível em: <https://www.Uol.com.br/ecoa/colunas/mari-rodriques/2020/09/19/linguagem-neutra-e-a-chacota-nossa-de-cada-dia.htm>.

Paulo Freire e o novo conceito de literatura e escrita. Secretaria da Educação e do Esporte do Estado do Paraná, Português, 05/11/2019. Disponível em: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=324>.

Sam smith’s they/them pronoun backlash highlights an ongoing cultural disconnect. Nbc news, think, 19/09/2019. Disponível em: <https://www.Nbcnews.com/think/opinion/sam-smith-s-they-them-pronoun-backlash-highlight-ongoing-cultural-ncna1056136>

“They” (2020). Oxford Learner’s Dictionary. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/they>

Word of the year 2019 | They | Merriam-Webster. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/word-of-the-year/they>.